

LUNA, Francisco Vidal. *Observações sobre Casamento de Escravos em Treze Localidades de São Paulo (1776, 1804 e 1829)*, Anais do Congresso sobre História da População da América Latina, São Paulo, ABEP/SEADE, 1989. Também publicado como: *Casamento de Escravos em São Paulo: 1776, 1804, 1829*, In: NADALIN, Sérgio et alii. *História e População: Estudos sobre a América Latina*, São Paulo, ABEP/SEADE, 1990.

OBSERVAÇÕES SOBRE CASAMENTOS DE ESCRAVOS EM TREZE LOCALIDADES DE SÃO PAULO (1776, 1804 e 1829).

Francisco Vidal Luna

Em trabalhos recentes de demografia histórica verifica-se a intensificação dos estudos referentes ao escravismo no Brasil. Dentre as várias questões assim tratadas, merece realce o tema da família escrava, fundamental no entendimento da reprodução daquela população (ver, entre outros, GRAHAM, 1979; LUNA & COSTA, 1981 ; LUNA, 1988 ; METCALF, 1983 ; COSTA & GUTIÉRREZ, 1984 ; COSTA et al., 1987 ; SCHWARTZ, 1986 ; RAMOS, 1986 ; SLENES, 1987 ; GUTIÉRREZ, 1987 e MOTTA, 1988). O estudo ora apresentado, procura contribuir na questão, sem discutir a família propriamente dita, mas sim as características demográficas dos escravos existentes em São Paulo em três diferentes anos: 1776, 1804 e 1829.

Nesses anos e para treze localidades, analisamos o sexo, a idade, a origem e a situação conjugal dos escravos, relacionando tais informações com variáveis de natureza econômica, como a atividade do respectivo proprietário e o número de escravos que o mesmo possuía.

Como fonte documental básica, servimo-nos das Listas Nominativas dos Habitantes, manuscritos do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo¹. Os anos de 1776 e 1829 representam os extremos nas séries de censos disponíveis; 1804 constitui praticamente o ponto médio no período considerado e ao mesmo tempo corresponde a um ano para o qual existe ampla pesquisa demográfica referente a Minas Gerais, o que permitirá , futuramente, uma comparação ou integração dos estudos.

A sociedade estabelecida em São Paulo concentrava-se essencialmente na pecuária e no cultivo agrícola, tanto de produtos destinados à exportação (açúcar, café, e fumo) como aos gêneros de subsistência (milho, arroz, feijão e mandioca). Exceto na cidade de São Paulo, nas demais as múltiplas atividades comerciais ou artesanais representavam efetivamente um complemento ou apoio daquela mais importante, ou seja, a agricultura. Na cidade de São Paulo, com características mais urbanas, concentrava-se uma significativa variedade de serviços, pouco frequentes nas demais localidades estudadas.

Características Demográficas da População Escrava

A população estudada alcançava os seguintes números para o conjunto das treze localidades: 2.263 proprietários e 11.818 escravos em 1776; no ano de 1804 esses totais alcançavam 3.759 e 21.689, respectivamente; por fim, em 1829 os números encontrados situavam-se em 4.988 (senhores) e 32.695 (cativos).

¹ Como fonte primária, servimo-nos das Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo – manuscritos também conhecidos como “ Maços de População “.

Pelos totais acima, vê-se o marcante crescimento no número de escravos e respectivos proprietários, particularmente entre 1777 e 1804. Os cativos apresentaram expansão da ordem de 88% e os senhores, de 66%. Esse aumento deu-se de maneira diferenciada entre as treze localidades, seja por questões puramente populacionais ou por desmembramentos. Guaratinguetá, por exemplo, ao longo do período, sofreu profundas reduções em sua área física, com a autonomia de Lorena, Areias e Cunha.

Encontramos o maior número de proprietários na cidade de São Paulo (entre 13 e 18% dos senhores existentes nas treze localidades). Quanto aos escravos, em 1776 e 1804, São Paulo e Itu representavam as áreas mais populosas. Entretanto, em 1829, Areias, autônoma desde 1817, ultrapassava as demais, com 5.597 cativos. Em São Paulo, contamos nesse ano 3.139 escravos; em Itu, 4.173.

Nos três anos, manteve-se o predomínio masculino, com marcantes diferenças entre anos e localidades. Em 1776, no agregado das localidades, encontramos 113,5 homens para cada grupo de cem mulheres; em 1804 resultou 118,7; no último ano considerado a razão de masculinidade elevou-se para 148,7.

Entre 1804 e 1829 deu-se em todas as áreas o aumento na proporção de homens entre a população escrava. Em apenas uma, Curitiba, havia proporcionalmente mais pessoas do sexo feminino, com razão de masculinidade de 96,6. Nas demais, este indicador mostrou-se acima de 100, e, em algumas, como Areias, Cunha, Itu, Jundiá e Lorena, ultrapassou a marca dos 160 (Tabela 1).

Tabela 1
Total de Escravos e Razão de Masculinidade
1776 – 1829

Localidade	1776		1804		1829	
	Número	Razão	Número	Razão	Número	Razão
Total	11.818	113,5	21.689	118,7	32.695	148,7
Areias (1)					5.597	217,8
Cunha (1)			1.327	157,7	1.562	167,9
Curitiba (2)			1.801	92,2	1.161	96,6
Guaratinguetá	2.691	140,0	1.560	114,6	2.209	147,1
Iguape			1.078	104,5	2.367	122,1
Itu	1.710	113,7	3.581	149,5	4.173	166,5
Jacareí	305	94,3	494	93,7	1.298	155,0
Jundiá	611	105,0	797	157,9	2.081	178,6
Lorena (1)			1.867	128,0	2.546	167,7
Mogi das Cruzes	991	106,0	1.749	84,8	2.138	112,5
São Paulo	2.240	92,7	3.560	107,5	3.139	109,0
São Sebastião	719	123,0	2.415	131,8	1.519	122,4
Sorocaba	1.048	113,4	1.460	112,8	2.485	129,1

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

(1) Localidades criadas depois de 1776.

(2) Não constam informações dos escravos nos documentos.

Pelos resultados obtidos, torna-se possível especular a respeito de uma associação entre o tipo de atividade produtiva e a razão de masculinidade dos escravos. Onde e quando mais fortemente se efetuavam os cultivos de "exportação" (principalmente café e cana-de-açúcar) ampliava-se o peso masculino. Inversamente, nas áreas de maior

concentração de atividades típicas de agricultura de "subsistência", ainda que com comercialização de excedentes, caso da pecuária e cultivos de arroz, feijão, milho e mandioca, ocorria maior equilíbrio quantitativo entre os sexos, embora raramente encontrássemos números próximos a 100 ou maioria feminina.

Ainda quanto ao sexo dos escravos, vejamos sua relação com a respectiva idade. Para o agregado de todas as localidades, em cada ano, nota-se a proporcionalidade entre sexo e idade; a razão de masculinidade cresce ao passar-se para faixas etárias mais elevadas. A grande participação de nascidos no Brasil, entre as crianças e os jovens, menor nas idades mais avançadas, explica em parte esse resultado. Em 1829, que corresponde, entre os anos estudados, ao de maior concentração de africanos, enquanto na faixa etária de 0-9 anos ocorria equilíbrio quantitativo entre os sexos, na seguinte proporção de homens para cada grupo de 100 mulheres alcançava 143,3; nível ultrapassado nas demais faixas etárias. Para verificar essa correspondência entre faixa etária e razão de masculinidade, calculamos o coeficiente de correlação entre as duas variáveis. Para 1776 e 1804 o valor desse coeficiente ultrapassou 0,90. Em 1829, embora ainda positivo, o resultado encontrado reduziu-se para 0,47, possivelmente influenciado pelo peso dos africanos, com elevada razão de masculinidade e concentrados nas idades de 20 a 39, 40 anos. Nessa faixa etária encontramos 56,3% dos africanos e 30,9% dos nascidos no Brasil (Tabela 2).

Vejamos a representatividade dos casados e viúvos entre a população escrava com 15 anos e mais. Embora nos documentos utilizados a situação conjugal dos escravos de modo geral especificava-se claramente, com a identificação de "solteiro", "casado" e "viúvo", em nenhum deles encontramos explicitação a respeito do efetivo significado dessa relação. Não podemos determinar se representam relações sacramentadas pela igreja, nem o seu nível de estabilidade.

Tabela 2
Faixa Etária e Razão de Masculinidade dos Escravos (1)
1779 – 1829

Faixa Etária	1776	1804	1829
0 - 9	108,8	96,9	98,0
10 -19	95,4	111,5	143,3
20 - 29	109,4	125,3	184,2
30 - 39	114,0	126,7	173,3
40 - 49	117,6	134,2	148,1
50 - 59	147,0	155,7	143,8
60 - 69	150,5	151,4	156,7
70 - 79	186,9	144,4	171,1

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

(1) Os dados referem-se ao conjunto das informações disponíveis para o agregado das localidades consideradas.

Infelizmente, em 1776, apenas nos censos de Guaratinguetá e Jundiá constatamos dados referentes à situação conjugal. Nesse ano, nas duas localidades, encontramos uma porcentagem relativamente elevada de indivíduos casados e viúvos (26,8% em Guaratinguetá e 30% em Jundiá).

Nos anos de 1804 e 1829, para os agregados da população escrava, resultaram os percentuais de 30,2% e 27,5%, respectivamente. Com os dados desagregados em nível de localidade, nota-se grande diferença entre as mesmas. Em 1804, por exemplo, encontramos áreas com menos de ¼ dos adultos identificados como casados e viúvos

(Curitiba, Iguape, Jundiá, São Paulo e São Sebastião); em outras, como Cunha, Guaratinguetá, Itu, Lorena e Sorocaba, esse número ultrapassava a marca dos 33%. De modo geral, a situação se repete em 1829, com percentuais a variar de 16,3% (São Paulo) a 37,9% (Sorocaba). Ao final do artigo, com o estudo das atividades econômicas dos proprietários, o tamanho do plantel e a participação dos escravos africanos, poderemos avançar no entendimento destes resultados (Tabela 3).

Tabela 3
Participação dos Escravos Casados e Viúvos (1)
1776 – 1829

Localidade	1776	1804	1829
Total	-	30,2	27,5
Areias			22,9
Cunha		33,7	27,1
Curitiba		25,5	22,7
Guaratinguetá	28,8	36,4	33,8
Iguape		25,8	25,7
Itu		36,0	34,1
Jacaré		28,7	28,1
Jundiá	30,0	22,2	33,7
Lorena		33,4	27,5
Mogi das Cruzes		28,7	27,0
São Paulo		22,2	16,3
São Sebastião		25,0	22,8
Sorocaba		42,8	37,9

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

(1) Participação em relação aos escravos com 15 anos e mais.

Gostaríamos de chamar a atenção para os números obtidos na Tabela 3. Como na maioria das localidades existia significativa disparidade entre o peso de homens e mulheres na população, para uma parcela dos homens tornava-se praticamente impossível obter companheira estável. Por exemplo, se considerarmos a população de Jundiá, em 1829, com razão de masculinidade de 178,6, a máxima proporção de homens casados viável, dada a menor disponibilidade de mulheres, seria de 60%. Ou seja, para cada grupo de 178,6 homens, apenas 100 poderiam encontrar parceira. Nessa localidade, nesse ano, a porcentagem de homens casados atingia 18,3%. Essa disparidade quantitativa entre homens e mulheres explica também a diferença percentual entre a proporção de homens e mulheres casadas e viúvas. Em 1829, por exemplo, encontramos 22,1% dos homens classificados como casados ou viúvos e 36,7% das mulheres.

Além da disparidade quantitativa entre homens e mulheres, para o agregado da população escrava, que por si influenciava negativamente as oportunidades de relações conjugais estáveis, a tendência às uniões dentro dos plantéis (COSTA et al., 1987 :.254; SLENES, 1987 :.223; METCALF, 1983) as dificultavam ainda mais, pois neste caso tornava-se necessário o equilíbrio entre os sexos em nível de fogo. Embora ocorressem casamentos entre escravos e livres, principalmente livres forros, provavelmente o efeito inibidor provocado pela preferência na uniões dentro dos plantéis mais que compensava esses casamentos de livres e escravos e reduzia a proporção de escravos que conseguiam uma relação conjugal estável, comparativamente ao número potencial máximo calculado, quando se considera a população escrava como um todo. Outro ajuste que poderia ser feito, também inibidor das possibilidades de casamento, diz respeito à

correspondência entre as faixas etárias, em nível do fogo entre os indivíduos dos dois sexos.

Como exercício, tomamos a cidade de São Paulo, em 1804, e verificamos a situação dentro dos plantéis. Consideramos em cada plantel o número de adultos, entre 15 e 49 anos. Dos escravos nessa condição, 1.188 encontravam-se em situação de equilíbrio quantitativo quanto ao sexo oposto, dentro dos plantéis, possibilitando a ocorrência de uniões. Por outro lado, para 830 escravos, sendo 402 homens e 428 mulheres, inexistia tal correspondência. Por exemplo, em um plantel com cinco homens e duas mulheres, na faixa etária de 15 a 49 anos, dois homens e duas mulheres potencialmente poderiam estabelecer uma relação conjugal estável, enquanto três homens estariam em excesso e não teriam oportunidade de obter parceiras para si, admitida a hipótese extrema da ocorrência de casamentos exclusivamente dentro do próprio plantel. Note-se que poderíamos formular condições ainda mais restritivas, impondo para a classificação de um casal potencial uma relativa correspondência em termos de idade. Por exemplo, no caso extremo, um plantel com um homem de 15 anos e uma mulher de 49, para nossos cálculos, consideramos como representando um casal potencial.

Dentro dessas hipóteses, o potencial máximo de escravos possível de casamento alcançava 58,9% da população escrava existente em São Paulo, em 1804.

A seguir, calculemos a relação entre as crianças de zero a quatro anos e de zero a nove, respectivamente com as escravas existentes na faixa etária de 15 a 44 e 15 a 49 anos. De modo geral, entre 1776 e 1829, para o agregado das localidades consideradas, tal proporção apresentou-se fortemente decrescente. Tal fato deve-se, provavelmente, à intensificação na entrada de escravos africanos na área. Entre estes predominavam os adultos, com reduzida participação de crianças, particularmente aquelas abaixo de 10 anos. Além do que, as africanas ao chegar possivelmente já haviam perdido parte de seu período fértil. A forma de registro, nos censos populacionais, das informações referentes às mulheres e às crianças, ao não associar mães e filhos, impede um estudo mais aprofundado quanto à fertilidade das mulheres segmentadas por origem. As crianças nascidas no Brasil, quer originadas de mães africanas, quer de mulheres já nascidas no Brasil, qualificavam-se indistintamente como crioulas.

Tal dificuldade de separar os indicadores dos dois segmentos populacionais impede avaliar com rigor as possibilidades de reprodução positiva na população escrava no seu todo ou segmentada por africanos e nascidos no Brasil. Os resultados encontrados para a população como um todo, na relação crianças-mulheres, feita a ressalva quanto às distorções que apresenta pela forma de exposição dos dados e pela própria limitação desse indicador demográfico, parecem sugerir redução na capacidade reprodutiva da população escrava, particularmente a partir do início do século XIX, período de maior afluxo de africanos para a região paulista (Tabela 4).

Tabela 4
Relação Entre o Número de Crianças e de Escravas
(Crianças por Mil Mulheres)
1776 – 1829

Localidade	1776		1804		1829	
	0-4 Anos (1)	0-9 Anos (2)	0-4 Anos (1)	0-9 Anos (2)	0-4 Anos (1)	0-9 Anos (2)
Total	449,0	816,3	396,6	774,2	339,6	665,5
Areias (3)					388,1	674,2
Cunha (3)			441,2	847,5	335,2	645,9
Curitiba (4)			537,2	1.103,7	472,4	993,3
Guaratinguetá	584,5	1.008,4	355,8	682,9	229,1	506,7
Iguape (4)			555,6	1.025,4	503,5	964,8
Itu	303,8	580,0	288,8	565,8	287,7	521,7
Jacareí	405,1	807,2	441,2	852,1	216,0	522,9
Jundiaí	446,0	993,2	384,6	766,5	306,4	686,9
Lorena (3)			591,1	1.106,6	329,8	673,5
Mogi das Cruzes	662,3	1.116,2	319,3	607,5	329,7	634,2
São Paulo	364,1	694,7	275,9	585,7	281,5	553,4
São Sebastião	629,6	1.029,6	509,8	954,3	337,9	693,3
Sorocaba	333,3	625,0	417,8	834,6	381,0	749,6

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

- (1) Crianças de 0-4 anos, em relação a mulheres de 15-44 anos.
- (2) Crianças de 0-9 anos, em relação a mulheres de 15-49 anos.
- (3) Localidades criadas depois de 1776.
- (4) Não constam informações dos escravos nos documentos.

Ainda com referência aos indicadores demográficos, calculamos a relação entre a soma das crianças (0-14 anos) e dos velhos (65 e mais) com os adultos (15-64 anos). Nos três anos, obtivemos números também decrescentes: 52,6 (1776), 50,0 (1804) e 41,0 (1829). A relativa mudança verificada pode ser explicada pela expansão dos cultivos destinados ao mercado, particularmente os voltados para exportação - inicialmente o açúcar e posteriormente o café. As áreas onde tais produtos mais intensamente eram cultivados apresentaram os menores índices, como por exemplo em Areias, Cunha, Guaratinguetá, Itu, Jacareí e Lorena. Inversamente, Curitiba, Mogi das Cruzes, São Paulo e São Sebastião resultaram os maiores valores, a refletir a predominância de atividades pouco voltadas para o mercado externo, e portanto com menor capacidade de compra de novos escravos adultos, em idade produtiva, servindo-se, provavelmente, de uma maior parcela de cativos nascidos na própria região (Tabela 5).

Tabela 5
Razão Entre a Soma de Crianças (0 a 14 Anos) e Velhos (65 Anos e Mais)
com Adultos (15 a 64 Anos)
1776 – 1829

Localidade	1776	1804	1829
Total	52,7	50,0	41,0
Areias			32,2
Cunha		42,4	36,3
Curitiba		81,6	72,3
Guaratinguetá	55,6	47,2	33,6
Iguape		78,5	56,5
Itu	40,9	30,3	33,5
Jacareí	54,8	74,6	35,5
Jundiá	57,2	46,5	42,6
Lorena		59,0	38,6
Mogi das Cruzes	67,4	52,2	47,9
São Paulo	51,5	45,9	46,7
São Sebastião	62,2	51,5	43,8
Sorocaba	46,4	55,2	45,4

Fonte : Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Indicadores Demográficos e Origem

Nesta seção retomaremos os indicadores já analisados, agora com a desagregação dos cativos por sua respectiva origem: nascidos no Brasil e africanos. Desse modo será possível entender melhor alguns dos resultados anteriormente obtidos.

Infelizmente, em 1776, nos censos utilizados, essa informação somente existia em São Sebastião. Nessa localidade, no ano de 1776, encontramos 494 indivíduos nascidos no Brasil e 212 africanos. Em 1804, para o agregado das localidades, computamos 10.061 escravos nascidos no Brasil e 4.994 africanos; em 1829, alcançavam 11.464 e 13.414, respectivamente. Ou seja, neste último ano evidenciava-se franca maioria africana. Entre 1804 e 1829 ocorreu na região estudada marcante crescimento no contingente africano (168%), fruto da intensa atividade agrícola então desenvolvida, particularmente o cultivo do café, forte demandante de novos braços.

Vejamos inicialmente a razão de masculinidade desses dois segmentos. Enquanto para os indivíduos nascidos no Brasil obtiveram-se valores próximos a 100, a demonstrar equilíbrio quantitativo entre os sexos, para os africanos resultaram números elevados, da ordem de 180, nos dois primeiros anos considerados, e 248,6, em 1829. Apesar de existirem diferenças entre as diversas localidades, manteve-se o comportamento geral identificado, com exceções, como Jacareí e Mogi das Cruzes. Nessas localidades, a razão de masculinidade dos africanos resultou abaixo de 100, no ano de 1829, enquanto para as demais esse indicador situou-se entre 200 e 300 (Tabela 6).

Tabela 6
Relação Entre Origem e Razão de Masculinidade dos Escravos
1776 – 1829

Localidade	Nascidos no Brasil			Africanos		
	1776	1804	1829	1776	1804	1829
Total		94,3	101,6		189,5	248,6
Areias			107,0			284,5
Cunha		100,3	104,0		428,4	288,6
Curitiba		109,0			150,0	
Guaratinguetá		90,9	115,9		232,1	214,9
Iguape		97,5	96,5		170,5	186,1
Itu			100,1			259,4
Jacareí		99,4	71,1		88,3	261,4
Jundiaí		134,5	98,4		324,2	263,8
Lorena		102,5	104,8		198,2	275,4
Mogi das Cruzes		82,3	92,6		94,7	197,9
São Paulo		85,7	106,2		175,4	120,5
São Sebastião	106,7	100,3	98,1	171,8	187,5	218,2
Sorocaba		97,8	106,9	272,7	191,5	312,5

Fonte : Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

A participação de crianças na população representa outro indicador demográfico importante para comparar as duas populações. Neste caso a diferença revela-se ainda mais marcante. Enquanto entre os nascidos no Brasil as crianças participavam com cerca de 15,7%, 31,5% e 45,8%, respectivamente, nos segmentos de 0-4, 0-9 e 0-14 anos, para os africanos tais porcentagens mostraram valores bastante inferiores, particularmente nas duas faixas de menor idade (0-4 e 0-9 anos), com 0,6% e 1,4%; para as crianças de até 14 anos resultou o número 11%. Embora represente um peso de crianças relativamente reduzido, particularmente se comparado àquele verificado na população nascida no Brasil, essa porcentagem demonstra que cerca de um décimo da população trazida da África para a região paulista ao iniciar-se o século XIX, constituía-se de pessoas entre 10 e 14 anos.

Note-se que o indicador de crianças entre a população nascida no Brasil, conforme expusemos anteriormente, provoca distorções pela impossibilidade de separar as crianças nascidas no Brasil quanto à origem dos pais. Quando computamos as crianças nascidas no Brasil, em relação ao total da população nascida no Brasil, sabemos que uma parte daquelas crianças foi gerada por indivíduos africanos existentes no Brasil. (Tabela 7).

A preferência pela importação de indivíduos adultos da África, refletia-se na estrutura etária da população africana, dando-lhe uma feição diferente daquela apresentada pelo conjunto dos nascidos no Brasil. Em 1829, por exemplo, os últimos mostravam uma estrutura relativamente equilibrada, com 45% de crianças, cerca de 50% na faixa de 15-49 anos e pouco mais de 5% de pessoas com 50 anos e mais. Entre os africanos, os cativos na faixa etária de 15-49 anos compareciam com mais de 80%, com apenas 11% de crianças e 5% de indivíduos com 50 anos e mais. A média de idade dos dois segmentos mostrava significativa diferença. Enquanto para as pessoas nascidas no Brasil resultaram médias de idade de 21 e 19,5, respectivamente, em 1804 e 1829, para os africanos, nos mesmos anos, esses valores alcançaram 30,9 e 26,5.

Tabela 7
Participação de Crianças e Origem 1829

Localidade	Em porcentagem					
	Crianças Nascidas no Brasil (1)			Crianças Nascidas na África (1)		
	0-4 Anos	0-9 Anos	0-14	0-4 Anos	0-9 Anos	0-14 Anos
Total	15,69	31,47	45,81	0,60	1,39	10,98
Areias (2)	27,81	50,51	62,12	0,66	1,26	11,65
Cunha (2)	16,99	33,10	47,61	0,29	0,59	6,32
Curitiba						
Guaratinguetá	9,61	22,22	36,04	0,12	0,81	6,21
Iguape	17,44	33,31	46,63	2,56	6,82	14,13
Itu	13,66	26,08	42,79	0,55	0,65	10,60
Jacareí	14,61	34,24	47,18	0,00	0,74	12,28
Jundiaí	16,10	37,04	54,58	0,15	0,83	15,15
Lorena (2)	14,97	31,24	46,62	0,23	0,69	9,50
Mogi das Cruzes	14,45	30,08	43,87	0,35	0,35	13,29
São Paulo	13,47	25,28	39,38	0,84	2,70	11,30
São Sebastião	11,98	27,00	40,73	1,54	2,42	5,71
Sorocaba	11,22	23,76	37,62	0,00	0,00	4,55

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

(1) Porcentagem de crianças em relação ao total de escravos da mesma origem.

(2) Localidades criadas após 1776.

Para aprofundar a questão, vejamos a estrutura etária das escravas. Quando consideradas no agregado da população, nota-se uma estrutura relativamente equilibrada, com cerca da metade da população jovem até 20 anos e cerca de 60% na faixa de 15 a 49 anos. Entretanto, ao segmentarmos as escravas pela origem, encontramos diferenças marcantes, a condicionar o próprio processo de reprodução da população escrava. As mulheres nascidas no Brasil mostram uma estrutura jovem, quando comparadas às africanas. Naquelas, as escravas de 20 anos ou menos compareciam com aproximadamente 45%. Nas africanas, esse percentual resultava abaixo de 15%. Em contrapartida, no segmento de 15 a 49 anos, as africanas revelavam marcante concentração, com porcentagem acima de 80%; nesse segmento encontramos a metade das mulheres nascidas no Brasil.

Tais resultados significam que provavelmente as africanas chegaram adultas no Brasil. Como, provavelmente, uma reduzida proporção das crianças por elas geradas na África acompanhava as mães, ao ampliar-se o afluxo de africanos no início do século XIX, modificava-se a estrutura da população escrava e reduziam-se as probabilidades de reprodução positiva dessa população (Tabela 8).

Tabela 8
Faixa Etária e Origem das Escravas (1)
1804 – 1829

Faixa Etária	Em porcentagem					
	Total Escravas		Nascidas no Brasil		Africanas	
	1804	1829	1804	1829	1804	1829
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
0 - 9	22,64	20,06	29,51	32,11	2,03	2,26
10 - 14	11,67	13,35	12,86	14,41	8,12	11,78
15 - 19	12,11	14,50	10,87	11,08	15,83	19,55
20 - 29	23,38	25,23	19,42	18,80	35,25	34,74
30 - 39	13,91	13,90	12,14	11,75	19,19	17,08
40 - 49	8,69	7,54	8,10	6,32	10,43	9,33
50 - 59	4,34	3,48	3,83	3,51	5,86	3,43
60 - 69	2,23	1,39	2,38	1,50	1,80	1,22
70 e mais	1,04	0,56	0,89	0,53	1,51	0,60

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

(1) Os dados referem-se ao conjunto das informações disponíveis para o agregado das localidades consideradas.

Ainda no sentido de comparar as duas populações, analisamos a participação de casados e viúvos em cada uma. Para os indivíduos com 15 anos e mais, no agregado das localidades, nota-se equilíbrio entre africanos e nascidos no Brasil. Enquanto para os primeiros em 1804 e 1829 resultaram percentuais de 28,3% e 29%, respectivamente, para os últimos tais números situaram-se em 30,3% e 27,6%, respectivamente (Tabela 9).

Tabela 9
Origem dos Escravos e Participação dos Casados e Viúvos
(Escravos com 15 Anos e Mais)
1804 – 1829

Localidade	Em porcentagem			
	Nascidos no Brasil		Africanos	
	1804	1829	1804	1829
Total	28,3	29,0	30,3	27,6
Areias		34,1		21,2
Cunha	35,8	32,4	32,6	27,8
Curitiba				
Guaratinguetá	35,4	31,9	38,5	35,8
Iguape	25,9	29,0	27,4	22,5
Itu		33,1		34,9
Jacareí	22,4	23,7	39,3	29,6
Jundiaí	23,3	30,0	22,3	34,8
Lorena	27,8	27,0	39,0	27,6
Mogi das Cruzes	27,7	30,5	30,9	37,5
São Paulo	21,4	23,0	23,9	20,5
São Sebastião	25,1	21,2	24,9	22,0
Sorocaba	46,2	22,6	51,2	41,9

Fonte : Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Para aprofundar a análise, estudamos a participação de casados e viúvos da população segmentada por origem, e por faixa etária, para o agregado das localidades. Não se evidencia, para cada uma das faixas, diferenças significativas. Para as duas populações notou-se uma reduzida participação de casados e viúvos (6 a 9%) na faixa etária de 15-19 anos, elevando-se significativamente a partir daí, situando-se nos 40 e 50% a partir dos 40 anos (Tabela 10).

Tabela 10
Origem dos Escravos , Faixa Etária e Participação de Casados e Viúvos (1)
1804 – 1829

Faixa Etária	Nascidos no Brasil		Africanos	
	1804	1829	1804	1829
15 - 19	5,8	7,6	7,6	9,0
20 - 29	19,3	25,1	23,3	22,8
30 - 39	37,3	39,7	38,4	39,5
40 - 49	44,3	49,5	45,0	48,6
50 - 59	46,7	48,4	46,4	50,8
60 - 69	52,8	49,3	41,3	46,1
70 - 79	50,9	38,5	44,6	36,7

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

(1) Participação em relação aos escravos com 15 anos e mais. Os dados referem-se ao conjunto de informações disponíveis para o agregado das localidades consideradas.

Como vimos, as características demográficas dos escravos nascidos no Brasil e africanos mostravam profunda diferença, quer em termos de estrutura etária, quer na sua distribuição por sexo. Ao intensificar-se o afluxo de africanos para a região paulista, modificaram-se de forma marcante as condições reprodutivas de tal população. Isto porque criava-se profundo desequilíbrio com o aumento na razão de masculinidade; a população envelhecia, com significativa redução no peso das crianças; além disso, perdia-se parte da capacidade reprodutiva das mulheres, pelo peso das africanas, à medida que parte de seu período fértil ocorria antes de sua transferência para o território brasileiro. Nessas condições, se eventualmente ao longo do século XVIII se haviam criado condições para a reprodução natural dos escravos em São Paulo, tal possibilidade reduzia-se fortemente com o intenso afluxo de africanos para a região.

Variáveis Demográficas e Escravos Possuídos

Nesta seção pretendemos aprofundar a análise com a variável tamanho do plantel. Objetiva-se verificar a eventual relação entre as características dos escravos e o número de cativos de seu respectivo proprietário.

Tomemos inicialmente a razão de masculinidade. Torna-se evidente a relação entre o número de escravos possuídos e a participação de homens no plantel. Em 1776, naqueles de até cinco escravos, resultou equilíbrio quantitativo entre os sexos (100,1). Nos segmentos seguintes ocorria maioria masculina, com a razão de masculinidade estabilizada ao nível de 130, a partir do segmento de 21 escravos. Em 1804, repetia-se o equilíbrio nos menores plantéis; acima dos 20 escravos o indicador situava-se no patamar de 140. Por fim, em 1829, para todos as faixas de número de escravos, a razão de masculinidade mostrava predominância masculina e crescente com o respectivo tamanho: 114 até cinco cativos e mais de 170 nos segmentos superiores.

Assim, o resultado anteriormente encontrado, no qual se deparou com maioria masculina na população escrava, foi fortemente influenciado pela composição dos grandes plantéis, cujo peso suplantou o dos pequenos proprietários, este com maior equilíbrio na razão de masculinidade de seus escravos (Tabela 11).

Note-se que, ao concluirmos por maior equilíbrio entre os sexos dos escravos pertencentes aos pequenos proprietários, estamos a nos referir aos cativos pertencentes a esse segmento de senhores no seu agregado. Isso não significa que em cada plantel se mantenha o equilíbrio. Quando estudamos o caso específico de São Paulo, ficou evidente a diferença entre a situação agregada e ao nível de plantel.

Conforme discutido anteriormente, pela tendência aos casamentos dentro dos plantéis, evidenciava-se menor potencial de casamentos nos de menor porte, pois reduzia-se a possibilidade de encontrar parceiro ou parceira do sexo oposto e na faixa etária compatível. No caso da cidade de São Paulo, em 1804, encontramos os seguintes resultados : 5% dos escravos, na faixa de 15 a 49 anos, pertenciam a proprietários com apenas um escravo, com potencial de casamento nulo, dentro do plantel; nos constituídos por até cinco cativos, o potencial de casamento, levando em conta a distribuição efetiva dos escravos por sexo e faixa etária dentro dos plantéis, alcançava 38,2%; já nos segmentos seguintes, acima de cinco escravos, esse percentual de casamentos saltava para níveis acima de 60% e nos plantéis acima de 40 escravos alcançava a porcentagem de 79% (Tabela 12).

Tabela 11
Tamanho do Plantel e Razão de Masculinidade dos Escravos (1)
1776 – 1829

Tamanho do Plantel	1776	1804	1829
Total	113,5	118,7	148,7
1 - 5	100,0	98,6	114,3
6 - 10	110,2	110,9	135,5
11 - 20	118,9	126,0	158,8
21 - 40	137,2	145,5	176,4
41 e mais	131,7	141,6	187,4

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

(1) Os dados referem-se ao conjunto de informações disponíveis para o agregado das localidades consideradas.

Tabela 12
Tamanho do Plantel e Potencialidade de Casamentos
Cidade de São Paulo 1804

Tamanho do Plantel	Escravos 15-49 Anos (a)	Sem Potencial Casamento	Com Potencial Casamento (b)	Relação (b) / (a) (%)
Total	2.018	830	1.188	58,9
1 - 5	685	423	262	38,2
6 - 10	445	165	280	62,9
11 - 20	519	155	364	70,1
21 - 40	260	64	196	75,4
41 e mais	109	23	86	78,9

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Analise a relação entre o tamanho do plantel e a participação de casados e viúvos entre os escravos com 15 anos e mais. Em 1804 e 1829, para os quais tal informação mostrou-se completa, encontramos relação entre o número de escravos possuídos e a porcentagem de casados e viúvos. Nos plantéis de até 10 escravos, nos dois anos, observou-se porcentagens de 17 a 27%, enquanto para os segmentos seguintes tais valores situaram-se entre 33 e 40% (Tabela 13).

Esses resultados ocorreram apesar da elevada razão de masculinidade existente nos plantéis acima de 20 cativos. E não podem explicar-se pela diferença nas estruturas etárias dos escravos possuídos por grandes e pequenos proprietários. Os dois segmentos apresentaram perfil similar quanto às idades, com cerca de 30% de crianças, 65% de indivíduos de 15-49 anos e cerca de 5% de pessoas com 50 anos e mais. A causa provavelmente relaciona-se com a própria composição dos plantéis. Retomando a hipótese da tendência às relações conjugais internas aos plantéis, ampliavam-se as oportunidades de uniões na proporção do aumento no número de escravos, conforme anteriormente exposto. Frente aos maiores plantéis, nos pequenos era reduzida a probabilidade de existir um homem e uma mulher, com faixas etárias compatíveis, apesar de mostrarem no agregado maior equilíbrio entre os sexos.

Tabela 13
Tamanho do Plantel e Participação de Escravos Casados e Viúvos (1)
1804 – 1829

Tamanho do Plantel	Em porcentagem	
	1804	1829
Total	30,4	27,8
1 - 5	18,7	17,0
6 - 10	27,4	26,0
11 - 20	34,2	29,7
21 - 40	40,2	35,5
41 e mais	42,0	33,7

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

(1) Participação entre os escravos de 15 anos e mais.

Os dados referem-se ao conjunto de informações disponíveis para o agregado das localidades consideradas.

Por fim, vejamos a relação entre o tamanho do plantel e a participação de crianças. Nota-se, para o agregado das localidades, nos três anos considerados neste trabalho, uma relativa estabilidade nesse percentual, embora com tendência levemente decrescente em 1829, quando resultou 28%, contra pouco mais de 31% nos dois anos anteriores (1776 e 1804). Na sua relação com o tamanho do plantel, nota-se nos maiores um peso pouco inferior aos demais. Em 1829, quando tal diferença mostrava alguma significância, enquanto entre os escravos possuídos pelos proprietários de menor porte as crianças compareciam com percentual de aproximadamente 30%, nos maiores plantéis, ou seja, naqueles acima de 20 cativos, resultou um valor pouco superior a 25% (Tabela 14).

Tabela 14
Tamanho do Plantel e Participação de Crianças
1776 – 1829

Tamanho do Plantel	Em porcentagem		
	1776	1804	1829
Total	31,7	31,4	28,2
1 - 5	31,4	31,1	28,6
6 - 10	33,4	34,8	31,5
11 - 20	32,0	32,7	28,6
21 - 40	29,1	28,8	25,8
41 e mais	30,3	27,6	25,5

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

(1) Os dados referem-se ao conjunto de informações disponíveis para o agregado das localidades consideradas.

Atividades Econômicas e Características dos Cativos

Nesta última parte do trabalho consideramos novamente as características demográficas dos cativos, agora na sua relação com as atividades econômicas de seus respectivos proprietários. As informações apresentadas referem-se a sete localidades: Curitiba, Iguape, Itu, Jacareí, Mogi das Cruzes, São Paulo e São Sebastião, para os anos de 1804 e 1829. Infelizmente, nos censos de 1776 não constava nenhuma referência quanto à atividade dos proprietários ou dos escravos.

Como entendemos ser a agricultura a atividade econômica preponderante, efetuamos dois tipos de cortes. O primeiro segmenta os escravos entre os possuídos por senhores vinculados à agricultura e os pertencentes aos proprietários dedicados às demais atividades, como o comércio, o artesanato, os transportes e outras como profissões liberais, magistratura, Igreja, etc. A segunda segmentação corresponde à partição da agricultura entre café e açúcar, de um lado, e todas as outras atividades agrícolas, inclusive a pecuária.

Vejamos inicialmente a atividade econômica e a razão de masculinidade. No agregado das sete localidades, resultou a maior razão de masculinidade na agricultura. Para 1804 encontramos 118,7 na agricultura e 101,2 nas demais; em 1829 temos, respectivamente, 137,7 e 108,4. Em duas localidades, no ano de 1804, essa tendência não se confirmou: Curitiba e Iguape, duas áreas tipicamente de subsistência (Tabela 15).

Tabela 15
Atividades dos Proprietários e Razão de Masculinidade dos Escravos
1804 – 1829

Localidade	Agricultura		Outras	
	1804	1829	1804	1829
Total	118,7	137,7	101,3	108,4
Curitiba	87,7	98,4	107,8	98,0
Iguape	100,0	122,1	126,0	124,8
Itu	159,1	177,8	101,8	112,8
Jacareí	100,5	165,3	67,1	88,6
Mogi das Cruzes	87,4	114,6	71,7	105,0
São Paulo	114,5	117,2	101,2	107,6
São Sebastião	131,1	133,2	123,8	121,6

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Quanto às relações conjugais entre os cativos de 15 anos e mais, os plantéis cujos senhores dedicavam-se à agricultura apresentavam maior participação de casados e viúvos. Em 1804 o peso desse segmento alcançava 31,2% contra 21,2% das outras atividades. Em 1829 as porcentagens encontradas situaram-se em 30,5% e 13,9%, respectivamente. Resultados obtidos apesar da agricultura caracterizar-se por maior razão de masculinidade. A causa deve ser a mesma anteriormente apontada quando estudamos o tamanho do plantel. Como na agricultura se situava um conjunto de senhores com maior número de escravos, comparado às demais atividades (média de escravos por proprietário acima de sete, contra menos de quatro para as outras), a elevada porcentagem de casados e viúvos explica-se, possivelmente, pela maior oportunidade de encontrar parceiros, conforme se ampliava o tamanho do plantel, suplantando inclusive a restrição de uma maior razão de masculinidade encontrada na população escrava possuída por médios e grandes senhores. (Tabela 16).

Tabela 16
Atividades dos Proprietários e Participação de Escravos Casados e Viúvos (1)
1804 – 1829

Localidade	Em porcentagem			
	Agricultura		Outras	
	1804	1829	1804	1829
Total	31,2	30,5	21,2	14,0
Curitiba	27,6	25,5	29,1	19,1
Iguape	27,6	29,2	24,1	16,4
Itu	38,4	35,7	26,5	18,3
Jacareí	29,2	29,8	28,3	15,5
Mogi das Cruzes	26,8	28,9	33,3	16,1
São Paulo	31,3	28,9	18,0	10,0
São Sebastião	25,2	24,6	15,5	8,7

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.
(1) Participação entre os Escravos com 15 anos e mais.

Segmentemos agora a agricultura; de um lado o café e o açúcar e de outro as demais lides agrícolas, inclusive a pecuária.

Com referência à razão de masculinidade dos escravos de 15 anos e mais, configura-se significativa diferença entre os dois segmentos, em especial em 1829. Nesse ano, enquanto os senhores dedicados ao café e ao açúcar possuíam plantéis com razão de masculinidade de 204,2, para os demais agricultores esse indicador situava-se em 129,9. Apesar de menos marcante, em 1804 também identificamos tal diferença: 118,2 para o açúcar e o café e 96,7 para as demais.

Esses resultados confirmam a expectativa: os proprietários dedicados às culturas economicamente mais importantes detinham um conjunto de trabalhadores, na forma de escravos, em sua maioria homens adultos, aptos ao duro trabalho da agricultura, em uma época na qual essa atividade contava com reduzidos recursos materiais na forma de equipamentos e instrumentos (Tabela 17).

Isso se confirma também no menor peso das crianças entre os escravos possuídos pelos proprietários dedicados ao café e ao açúcar: em torno de 25%, contra 35% nas demais atividades.

Com relação ao peso de escravos casados e viúvos entre os cativos de 15 anos ou mais, nota-se também maior participação de tais elementos nos plantéis dos senhores dedicados ao cultivo do café e do açúcar, apesar de sua elevada razão de masculinidade. Em 1804 e 1829 a porcentagem mantinha-se praticamente estável, com 36% e 35,7%, respectivamente. Nas demais, nesses dois anos, verificava-se também uma porcentagem estável, embora menor: 26,2% e 25,3%, respectivamente. Esse resultado não significa admitir-se uma postura diferenciada, em relação às uniões dos escravos nessas duas categorias de proprietários. Entendemos que tais números refletem as consequências de plantéis de tamanhos médios diferentes (Tabela 18).

Tabela 17
Tipo de Atividade Agrícola dos Proprietários e Razão de Masculinidade dos Escravos com 15 Anos e Mais.
1804 – 1829

Localidade	Café e/ou Açúcar		Outras	
	1804	1829	1804	1829
Total	118,2	204,2	96,7	129,9
Curitiba			85,8	95,6
Iguape			95,3	135,2
Itu	205,5	221,7	113,8	154,5
Jacareí	96,6	230,4	92,1	109,9
Mogi das Cruzes	110,1	151,7	84,4	144,3
São Paulo	114,1	131,1	109,3	119,0
São Sebastião	167,9	166,3	105,1	155,9

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Tabela 18
Tipo de Atividade Agrícola dos Proprietários e Participação de Casados e Viúvos entre os Escravos com 15 Anos e Mais
1804 – 1829

Localidade	Café e/ou Açúcar		Outras	
	1804	1829	1804	1829
Total	36,0	35,7	26,2	25,3
Curitiba			27,9	25,5
Iguape	54,6	62,5	26,9	28,9
Itu	40,8	38,1	25,5	21,8
Jacareí	22,8	32,8	30,8	19,0
Mogi das Cruzes	38,0	34,5	23,7	24,5
São Paulo	30,1	27,2	31,9	29,2
São Sebastião	27,8	30,6	18,8	19,6

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Para finalizar este trabalho, vejamos, ainda com referência à agricultura, a relação entre o tipo de atividade, o tamanho do plantel e algumas características demográficas dos escravos.

Considerando o agregado das sete localidades estudadas nesta parte do artigo, verifica-se relação entre o tamanho do plantel e a razão de masculinidade, tanto para os dedicados ao café e ao açúcar, como às demais lides agrícolas, mantendo-se para os primeiros um nível sistematicamente maior do que o observado para os últimos (Tabela 19).

Tabela 19
Tipo de Atividade Agrícola do Proprietário, Tamanho do Plantel e Razão de Masculinidade dos Escravos (1)
1804 – 1829

Tamanho do Plantel	Gêneros de Subsistência		Café e/ou Açúcar	
	1804	1829	1804	1829
1 - 5	86,9	103,0	138,8	122,8
6 - 10	93,7	116,3	134,9	140,0
11 - 20	116,1	124,8	133,6	193,2
21 - 40	133,1	132,0	164,4	181,2
41 e Mais	90,0	97,8	158,9	176,7

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

(1) Os dados referem-se ao conjunto de informações disponíveis para o agregado das localidades consideradas.

Por fim, quanto ao peso de casados e viúvos entre os escravos com 15 anos ou mais, ocorria maior participação à medida que aumentava o número de escravos, nos dois segmentos produtivos aqui considerados. Nos anos de 1804 e 1829, para tamanhos de plantel equivalentes, o conjunto dos escravos pertencentes aos produtores de café e açúcar apresentaram porcentagens de casados e viúvos semelhantes às observadas no segmento dos cativos possuídos pelos senhores dedicados aos demais produtos agrícolas (Tabela 20).

Tabela 20
Tipo de Atividade Agrícola do Proprietário, Tamanho do Plantel e Participação de Escravos Casados e Viúvos
1804 – 1829

Tamanho do Plantel	Gêneros de Subsistência		Café e/ou Açúcar	
	1804	1829	1804	1829
1 - 5	15,9	16,1	19,5	23,5
6 - 10	23,5	27,0	22,4	32,8
11 - 20	24,0	28,8	32,7	27,7
21 - 40	32,6	31,0	37,2	42,6
41 e Mais	41,3	29,8	39,1	46,4

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

(1) Os dados referem-se ao conjunto de informações disponíveis para o agregado das localidades consideradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, I.N & GUTIÉRREZ , H. (1984) - Nota sobre casamentos de escravos em São Paulo e no Paraná (1830). **História: Questões & Debates**, 5(9): 313-321.

COSTA, I.N. et al. (1987) - A família escrava em Lorena (1801). **Estudos Econômicos**, São Paulo, 17(2) : 245-295.

GRAHAM, R. (1979) – “A família escrava no Brasil Colonial”. In: _____. **Escravidão, reforma e imperialismo**, São Paulo, Perspectiva.

GUTIÉRREZ , H. (1987) - Demografia escrava numa economia não exportadora: Paraná, 1800-1830. **Estudos Econômicos**, 17(2) : 297-314.

LUNA, F. V. (1988) – “ Observações sobre casamentos de escravos em São Paulo (1829)” . In: ABEP - **Anais do VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Brasília, ABEP. v.3.

LUNA, F.V. & COSTA, I.N. (1981) – Vila Rica : nota sobre casamentos de escravos (1727-1826). **África. Revista do Centro de Estudos Africanos da USP**, São Paulo, 4 : 3-7.

METCALF, A. (1983) - **Families of planters, peasants, and slaves: strategies for survival in Santana de Parnaíba, Brazil, 1720-1820.** (Tese de doutoramento, University of Texas, Austin).

MOTTA, J.F. (1988) - A família escrava e a penetração do café em Bananal, 1801-1829. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, 5 (1) : 71-101.

RAMOS, D. (1986) - Community, control and acculturation: a case study of slavery in eighteenth century Brazil. **The Americas**, Academy of American Franciscan History, 42(4).

SCHWARTZ, S. (1986) - **A população escrava na Bahia.** In: COSTA, I.N. (comp.)- **Brasil: história econômica e demográfica**, São Paulo, IPE/USP. p.37-76.

SLENES, R. (1987) - Escravidão e família: padrões de casamento e estabilidade familiar numa comunidade escrava (Campinas, século XIX). **Estudos Econômicos**, São Paulo, 17(2): 217-227.